



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**AVALIAÇÃO FORMATIVA: DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS  
PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**FRANCINEIDE PEREIRA DOS SANTOS**

**CATOLÉ DO ROCHA - PB**  
**2019**

**FRANCINEIDE PEREIRA DOS SANTOS**

**AVALIAÇÃO FORMATIVA: DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS  
PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

**Orientadora:** Profa. Ma. Ana Paula Lima Carneiro

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237a Santos, Francineide Pereira dos.  
Avaliação formativa: desafios enfrentados pelos professores do ensino fundamental [manuscrito] / Francineide Pereira dos Santos. - 2019.  
42 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2019.  
"Orientação : Profa. Ma. Ana Paula Lima Carneiro , Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."  
1. Avaliação formativa. 2. Prática docente. 3. Ensino fundamental. I. Título

21. ed. CDD 371.27

FRANCINEIDE PEREIRA DOS SANTOS

**AVALIAÇÃO FORMATIVA: DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS  
PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Aprovada em 26 / 11 / 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

*Ana Paula Lima Carneiro*

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Ana Paula Lima Carneiro  
UEPB - CCHA/DLH

*Marta Lúcia Nunes*

---

Examinadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Marta Lúcia Nunes  
UEPB - CCHA/DLH

*Rômulo Cesar Araújo Lima*

---

Examinador: Prof. Me. Rômulo Cesar Araújo Lima  
UEPB - CCHA/DLH

A minha prima, Maria de Fátima Nunes (*in memoriam*), que sempre me incentivou a continuar os estudos e nunca desistir dos meus sonhos, pois ela falava que estudar era a melhor forma de alcançar nossos objetivos.

Dedico.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Francisco e Benedita, por sempre terem me proporcionado a oportunidade de estudar, incentivando a continuar na busca por um futuro melhor.

Aos meus irmãos, Franciélio, Francisco Junior e Francimar, pelo apoio e companheirismo, nas nossas idas e vindas para as escolas que frequentávamos.

A minha orientadora, Profa. Ma. Ana Paula Lima Carneiro, pela boa vontade de me orientar, mesmo não sendo minha professora durante o curso de Letras, mas que se disponibilizou no momento em que foi solicitada. Além disso, esteve sempre presente nas horas de minhas dificuldades e dúvidas.

Aos professores do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, *campus IV*, por todos os ensinamentos que foram a mim repassados, com os quais pude pôr em prática durante a minha formação acadêmica, e, que com certeza serão essenciais na carreira profissional. Um agradecimento especial à Profa. Dra. Joana Áurea Cordeiro Barbosa, pois foi durante o período em que participei como voluntária no projeto de extensão, coordenado por ela, que surgiu o interesse em realizar esta pesquisa.

A todos os meus colegas, mas em particular, Alina Fernandes, Alisson Clebio e Rayanne Lima, por me ajudarem com a utilização de ferramentas tecnológicas.

Aos meus amigos, mas especificamente, Adriana Serafim, que mesmo com seus afazeres sempre disponibilizava um tempo para me orientar nas diversas atividades, a mim solicitadas.

As minhas primas, Fabrícia Ferreira pelo apoio e incentivo que me propôs durante a construção do meu trabalho e estar sempre preocupada com a finalidade do mesmo, e a Lurdes Honorato, por me acolher em sua casa durante todo o período da graduação.

*A avaliação, em função mesmo de sua finalidade, deve acontecer em cada dia do período letivo, pois a aprendizagem, também, está acontecendo todo dia.*

*(Irandé Antunes)*

# **AVALIAÇÃO FORMATIVA: DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

## **RESUMO**

Pretendemos com esta pesquisa, questionar os saberes docentes e métodos avaliativos utilizados por professores do Ensino Fundamental II. Para tanto, a teoria estudada abordará os conceitos e funções que fazem parte dos seguintes tipos de avaliação: diagnóstica, somativa e por fim, a formativa que será abordada com maior ênfase. A presente pesquisa teve o objetivo de investigar os desafios apresentados pelos professores, do Ensino Fundamental II, no processo de implementação da avaliação formativa, relacionando com as concepções dos autores que serviram como base teórica da pesquisa e os discursos dos professores que fizeram parte do projeto de extensão intitulado: “Avaliação formativa e a diferenciação do ensino: a construção do conhecimento profissional docente no município de Catolé do Rocha”, mas precisamente no Centro de Ensino Fundamental Luzia Maia. Para embasar teoricamente a pesquisa utilizamos os estudos de Antunes (2003), Moretto (2005), Tardif (2002), Luckesi (2005; 2009; 2011), Vasconcellos (2003; 2005), dentre outros. Por meio deste estudo, constatamos a importância da avaliação formativa, pois a sua prática contribui para o pensamento inovador do professor diante do processo de ensino-aprendizagem. Com a análise dos dados, foi possível verificar a evidência de muitos desafios encontrados pelos professores, pois a avaliação formativa deve ocorrer na busca de aprimoramento tanto dos educadores como dos educandos, visando obter mais competências e eficácias, contribuindo para o desenvolvendo do pensamento crítico dos estudantes.

**Palavras-Chave:** Avaliação formativa. Prática docente. Ensino fundamental.

# **FORMATIVE EVALUATION: CHALLENGES FACED BY ELEMENTARY SCHOOL TEACHERS**

## **ABSTRACT**

With this research, we intend to question the teaching knowledge and evaluation methods used by elementary school teachers II. To this end, the theory studied will address the concepts and functions that are part of the following types of assessment: diagnostic, summative and finally, the format that will be addressed with greater emphasis. This research aimed to investigate the challenges presented by teachers, from Elementary School II, in the process of implementation of formative assessment, relating with the conceptions of the authors who served as the theoretical basis of the research and the discourses of teachers who were part of the project. extension entitled: "Formative assessment and the differentiation of teaching: the construction of teaching professional knowledge in the municipality of Catolé do Rocha", but precisely at the Luzia Maia Elementary School. To theoretically support the research we used the studies of Antunes (2003), Moretto (2005), Tardif (2002), Luckesi (2005; 2009; 2011), Vasconcellos (2003; 2005), among others. Through this study, we contacted the importance of formative assessment, as its practice contributes to the teacher's innovative thinking in the teaching-learning process. With the analysis of the data, it was possible to verify the evidence of many challenges encountered by the teachers, since the formative evaluation should take place in search of improvement of both the educators and the students, aiming to obtain more competences and efficiencies, contributing for the development of the critical thinking of the students.

**Key-words:** Formative assessment. Teaching practice. Elementary School.

## SUMÁRIO

<b>I</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>II</b>	<b>AVALIAÇÃO ESCOLAR</b> .....	<b>12</b>
	2.1 Funções das avaliações: diagnóstica, formativa e somativa.....	14
	2.2 As contribuições da avaliação formativa.....	16
	2.3 Algumas considerações sobre a avaliação no ensino de Língua portuguesa.....	20
<b>III</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	<b>24</b>
	3.1 Contexto da análise discursiva: Aspectos estruturais, técnico-pedagógicos, planejamento e avaliação.....	24
	3.2 Avaliação formativa: Os instrumentos avaliativos e os desafios enfrentados pelos professores do ensino fundamental II.....	28
<b>IV</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>38</b>
<b>V</b>	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>40</b>

## I INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda os desafios enfrentados pelos professores, do ensino fundamental, na implementação da avaliação formativa, que é uma ferramenta essencial no processo de ensino-aprendizagem, já que ela servirá de espelho para a prática do professor, ajudando-o a compreender os distintos caminhos da formação dos estudantes. Para tanto, levantamos o seguinte questionamento: Quais os desafios e dilemas enfrentados pelos professores, do Ensino Fundamental II, diante da avaliação formativa?

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo investigar os desafios apresentados pelos professores, do Ensino Fundamental II, no processo de implementação da avaliação formativa, comparando os relatos de professores acerca da avaliação formativa, com base em teóricos que abordam aspectos semelhantes. Para tanto, analisamos os relatos de experiências de alguns educadores, do Centro de Ensino Infantil e Fundamental Luzia Maia, de forma qualitativa e interpretativa, discutindo acerca dos desafios enfrentados por eles.

Almejando alcançar os objetivos propostos com esta pesquisa, tomamos como base os discursos proferidos pelos professores, durante o projeto de extensão intitulado: “Avaliação formativa e a diferenciação do ensino: a construção do conhecimento profissional docente no município de Catolé do Rocha”. A partir dos dados coletados, realizamos uma pesquisa bibliográfica, centrada nas concepções dos seguintes autores: Antunes (2003), Moretto (2005), Tardif (2002), Luckesi (2005; 2009; 2011), Vasconcellos (2003; 2005), dentre outros autores, que tiveram a finalidade de nortear o desenvolvimento desta pesquisa.

A pesquisa se justifica por sua relevância para o contexto escolar, pois mesmo com todos os estudos realizados acerca da avaliação, ainda é necessário discutirmos sobre essa temática, verificando como acontece o processo de avaliação, nas escolas, atualmente. Desse modo, a nossa intenção foi refletir sobre os aspectos e métodos utilizados pelos docentes na avaliação formativa dos alunos.

Este estudo foi realizado com base no projeto de extensão intitulado “Avaliação formativa e a diferenciação do ensino: a construção do conhecimento profissional docente no município de Catolé do Rocha”, desenvolvido no Centro de Ensino Infantil e Fundamental Luzia Maia. O projeto teve como coordenadora geral a profa. Dra. Joana

Áurea Cordeiro Barbosa, como a participação da profa. Ma. Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas e a profa. Ma. Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida, ambas lotadas no departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Participaram desse projeto 06 (seis) alunos do curso de Letras, sendo 05 (cinco) voluntários e 01 (um) bolsista. Os encontros foram realizados a partir do mês de agosto de 2018 até dezembro do mesmo ano, com a participação de 12 professores da referida unidade escolar, sendo 07 (sete) do sexo masculino e 05 (cinco) do sexo feminino, com presença da diretora e da supervisora escolar, totalizando 14 participantes. É importante ressaltar que os professores eram das diversas áreas do conhecimento do ensino fundamental, sendo História, Geografia, Educação física, Língua Portuguesa, Inglês e Matemática.

A pesquisa encontra-se dividida em dois capítulos, no primeiro capítulo, discutimos acerca da avaliação escolar, destacando as funções da avaliação: diagnóstica, formativa e somativa, focalizando nas contribuições da avaliação formativa. Além disso, apresentamos algumas considerações sobre a avaliação no ensino de Língua Portuguesa. No segundo capítulo, abordamos um pouco acerca do contexto da análise discursiva – Centro de Ensino Infantil e Fundamental Luzia Maia, destacando os aspectos estruturais, técnico-pedagógicos, planejamento e avaliação. Esse último capítulo também é dedicado à análise dos dados, discutindo acerca dos instrumentos avaliativos, focalizando no processo de avaliação formativa no ensino de Língua Portuguesa.

## II AVALIAÇÃO ESCOLAR

A avaliação escolar tem sido um dos maiores desafios enfrentados pelos professores, que procuram outros métodos de planejamento para poder então avaliar seus alunos com eficácia. Embora o tradicionalismo das provas persista para a maioria, existem profissionais da educação que buscam maneiras menos rigorosas de desenvolver o processo de avaliação. Diante desse dilema, qual seria a atitude que o sistema de ensino, nas escolas, poderia tomar com relação a essa questão?

O sistema deveria investir em novos planejamentos para seus educadores, e assim eles teriam uma forma complementar de ensino na prática do aprendizado escolar. Acerca desse processo, o professor realizaria seu trabalho, alcançando seu objetivo desejado, ou seja, ele estaria desempenhando de forma eficaz sua prática avaliativa, realizando assim, com competência suas atividades. Moretto (2005) afirma que:

O sistema escolar gira em torno desse processo e tanto professores como alunos se organizam em função dele. Por isso a verdade apresentada é: professores e pesquisadores precisamos estudar mais, debater com profundidade e conceituar com segurança o papel da avaliação no processo da aprendizagem. (MORETTO, 2005, p. 93)

Em diversas escolas os professores são obrigados a seguir as regras regidas, pois além de estarem sempre focados nos livros didáticos para então transmitir os conteúdos programáticos, estão reproduzindo um feito que vem de muito tempo atrás. Ou seja, entende-se que os professores estão seguindo uma metodologia ultrapassada com pressupostos de uma educação tradicional. Nessa perspectiva, infelizmente, educadores de algumas instituições são obrigados a seguir uma linha regida pelo sistema educacional, ao qual eles estão pressionados a esse tipo de abordagem de ensino. Diante disso, Luckesi (2009) afirma que:

A avaliação da aprendizagem escolar, além de ser praticada com uma tal independência do processo ensino-aprendizagem, vem ganhando foros de independência da relação professor-aluno. As provas e exames

são realizados conforme o interesse do professor ou do sistema de ensino. Nem sempre se leva em consideração o que foi ensinado. (LUCKESI, 2009, p. 23)

Nesse processo, o professor estaria transmitindo os conhecimentos adquiridos, mas, mesmo assim, o educando não alcançaria o objetivo esperado pelo referido profissional, pois o professor estaria reduzindo a prática avaliativa à realização de provas obrigatória, como se essa prática estivesse separada da ação de ensinar. Nesse sentido, a avaliação é vista como um momento burocrático, com a finalidade de atribuir uma nota aos alunos.

Em muitos casos alunos veem a prova como um verdadeiro monstro, um teste para medir o nível de conhecimento. Eles acreditam que os professores irão testá-los com conteúdos distintos ao que foi apresentado em sala de aula. No entanto, é apenas uma forma do docente verificar a evolução do seu aluno, no que diz respeito à aprendizagem dos conteúdos visto em sala de aula, e assim obter resultados consequentes de seus ensinamentos.

De acordo com Vasconcellos (2003, p. 19): “No cotidiano escolar, a avaliação ocupa um espaço enorme: afirma-se que a avaliação é feita para mudar: avalia-se tanto, investe-se tanto com instrumentos (provas, testes) e registros (notas, conceitos) e, no entanto, as coisas não mudam...”. Tudo isso devido a uma série de equívocos cometidos pelo avaliador. Esses equívocos dizem respeito ao referencial de avaliação, ao objeto a ser avaliado, ao conteúdo solicitado na avaliação, à forma de avaliação e a articulação do exame.

Para desfazer esses equívocos, o docente pode procurar outra metodologia de ensino, avaliando os alunos de forma contínua, levando em consideração a evolução deles ao longo de determinado período, com práticas de avaliação diferenciadas, pois a prova não é a única forma de avaliar, humilhando e discriminando os alunos. Nesse sentido, esse momento, deve ser visto como um processo que contribui para a transformação dos estudantes, fazendo com que eles desenvolvam o pensamento crítico, obtendo êxito no processo de aprendizagem.

Vasconcellos (2003, p. 19) faz o seguinte questionamento: “Por que a avaliação não está ajudando a mudar?” Quando na verdade “[...] deveria ajudar a descobrir as necessidades do trabalho educativo, perceber os verdadeiros problemas para resolvê-los.”. É importante lembrar que, a avaliação pode ajudar no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, na medida em que identifica os problemas existentes no processo de ensino-aprendizagem e traçam objetivos que

quando colocados em prática, diminuem grande parte dos problemas existentes no cotidiano escolar.

Diante disso, podem-se rever as formas de avaliar, usando outros instrumentos avaliativos que não seja a prova. Os professores podem usar o material didático como um instrumento de apoio, e não como a única ferramenta de ensino. O professor deve utilizar uma linguagem clara que possa ser compreendida por todos, fazer uso de atividades diversificadas, que promovam desafios ou que sejam interessantes. Além do mais, trabalhar com a leitura diariamente, usando textos diversificados e com alguma significação para o aluno, levando os estudantes a entenderem o significado da escola e a importância de estudar, e por fim fazer uma avaliação diagnóstica das atividades realizadas.

## **2.1 Funções das avaliações: diagnóstica, formativa e somativa**

Durante o processo de ensino-aprendizagem, os professores utilizam meios avaliativos para medir o nível de aprendizado dos educandos, pois o referido profissional precisa identificar e rever as dificuldades de cada aluno, além do mais, saber que tipo de avaliação usar no decorrer do ano letivo. Neste sentido, os três tipos básicos de avaliação devem ser utilizados: a avaliação diagnóstica, a formativa e a somativa; lembrando a função e a finalidade de cada uma. Entende-se que a diagnóstica é posta em prática para identificar, no início do ano letivo, características, dificuldades e aspectos do aluno, com isso o professor estaria fazendo uma espécie de método preventivo, para então poder executar sua tarefa.

Conforme Vasconcellos (2005, p.32): “Todos nós sabemos a dificuldade que a avaliação escolar apresenta e as consequências drásticas que pode trazer para educação: de um modo geral, podemos dizer que, [...] na prática dos alunos e da escola; é o famoso” “estudar para passar”. Ou seja, mesmo o professor se esforçando, uma maioria não tem interesse em dedicar-se a seus estudos, por isso mesmo, não promovem a aprendizagem. É importante ressaltar que para o aluno compreender os assuntos trabalhados em sala de aula é conveniente adquirir o hábito da leitura, a disposição em discutir com o professor determinadas temáticas, além de o cuidado e a cautela para realizar todas as atividades solicitadas pelo professor.

A avaliação diagnóstica tem como função, atestar as aprendizagens e as competências produzidas, durante um trabalho pedagógico. Para que ela seja posta em prática, de acordo com Luckesi (2005, p. 82): “[...] é preciso compreendê-la e realizá-la comprometida com uma concepção pedagógica. [...] A avaliação diagnóstica não se propõe e nem existe de uma forma solta e isolada. É condição de sua existência a articulação com uma concepção pedagógica e progressista”. Em outras palavras, após esse processo, é importante elogiar os avanços alcançados pelos alunos e ao mesmo tempo incentivá-los a continuar aprendendo.

Dessa forma, podemos compreender o propósito da avaliação diagnóstica como um caminho a ser percorrido para que possibilite melhorias no sistema atual de ensino. Esse tipo de avaliação é considerado um desafio, por muitos professores, pois quando se fala no ato de avaliar, existem muitos problemas que precisam ser repensados e refletidos, exigindo mudanças, no tocante aos métodos utilizados para avaliar seus alunos.

Já a avaliação formativa, com pensamentos indispensáveis e inerentes, está associada a diversas funções do ensino, sendo que o objetivo é expor o aprendizado. De Landsheere (1980) destaca que por meio da avaliação o professor deve construir uma situação de progresso, reconhecendo as dificuldades dos alunos, ajudando-o a superá-las. Nesse sentido, esse tipo de avaliação não tem o objetivo de realizar classificações numéricas, mas estabelecer um feedback para aluno e professor. Nessa prática mediadora, a qual se encontra a temática em questão, é necessário que haja uma conduta recíproca entre ambas as partes.

Nas concepções de Perrenoud (1999, p.103): “É formativa toda avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo”. Sendo assim, a avaliação se torna importante, impulsionando o aluno a agir com mais atuação e ampliação no seu desenvolvimento intelectual. Isso evidencia que, a avaliação permite um resultado eficaz e desejado.

Portanto, a avaliação formativa evidencia muitos objetivos, dentre eles, os que estão mais pautados é apoiar o aluno enquanto compreender e dialogar com o mesmo, incentivando-os na realização de atividades, durante o processo avaliativo. Desse modo, tal prática se caracteriza pela busca por conhecimento e técnicas a fim de solucionar as questões relacionada a aprendizagem dos estudantes, ou seja, buscando diminuir os obstáculos expostos durante o processo de ensino-aprendizagem.

Entretanto, avaliação somativa visa somente à função de classificar o aluno, fazendo provas e testes, atingindo a eficiência para a continuação do caráter social, além de ser um ensino totalmente tradicional, ele ocorre geralmente ao final de um período. Fernandes (2009) atenta que:

A avaliação somativa é uma concepção que, conseqüentemente, tende a dar mais relevância às funções de classificação, de ordenação, de seleção ou de certificação e, por isso mesmo, não dá destaque à qualidade dos processos de aprendizagem nem aos contextos em que esta se desenvolve. (FERNANDES, 2009, p. 92)

Dessa forma, podemos afirmar que o professor, nesse tipo de avaliação, observa apenas se o aluno está apto ou não apto nos diversos testes realizados. Ainda a respeito da avaliação somativa, Luckesi (2011, p. 208) afirma que: “O aproveitamento não vem nem da ameaça nem do medo da reprovação, mas sim de uma orientação e/ou reorientação consistentes e constantes da aprendizagem, mediante adequados procedimentos de ensino”. Com base nisso, cabe ao professor identificar e procurar entender o que o aluno está absorvendo durante o processo educativo, caminhando para um novo estágio de ensino e estudo.

A avaliação somativa, como já foi mencionada, utiliza o método de classificar o aluno ao final do ano letivo, um dos objetivos principais é verificar os resultados obtidos durante o processo de ensino-aprendizagem. Por esse motivo, uma característica marcante dessa prática é utilizar a avaliação com o objetivo de observar comportamentos sociais, finalizar conhecimentos adquiridos, e, se necessário entregar um certificado de aprovação.

Portanto, é imprescindível para o professor praticar pensamentos novos, tendo em vista a imposição da escola, daí surgiu à necessidade de uma formação continuada, para melhoria do ensino-aprendizagem. Nesse sentido, o professor deve estar sempre em busca de inovação, realizando cursos de capacitação, participação em eventos, palestras e cursos de especialização.

## **2.2 As contribuições da avaliação formativa**

A avaliação formativa contribui com a mudança do processo educacional, pois ela auxilia o desenvolvimento de habilidades primordiais, como por exemplo, objetiva o crescimento das aprendizagens, estimula novas práticas de ensino, além de ser considerada interativa, promovendo uma avaliação diferenciada, proporcionando ao aluno uma visão crítica, ou seja, contribui para que os estudantes se tornem reflexivos. Desse modo, a avaliação formativa deve estar presente em todos os níveis de ensino.

Em consonância com o teórico, Fernandes (2009, p. 59) a avaliação formativa: “É um processo eminentemente pedagógico, plenamente integrado ao ensino e à aprendizagem, deliberado, interativo, cuja principal função é de regular e de melhorar as aprendizagens dos alunos”, contribuindo para que os alunos se sintam motivados e, conseqüentemente, obtenham um desempenho satisfatório. Abrecht (1994) reforça essa ideia, destacando que:

Pode concluir-se, também, que se a avaliação formativa se destina a ajudar o aluno, pode, igualmente, ser útil para levar os professores, através de múltiplos feedbacks, a orientar o ensino com eficácia e flexibilidade, e a dispor de pontos de referência para a aplicação de “estratégias” pedagógicas de determinada amplitude. (ABRECHT, 1994, p. 32)

Percebemos, então, que dentre as possibilidades encontradas, essa alternativa possibilita ao aluno uma aprendizagem significativa, contribuindo na mediação que o professor desenvolve em sala de aula, estabelecendo um vínculo entre os conceitos estudados e o cotidiano dos alunos, de forma proveitosa.

De acordo com a avaliação formativa, o professor deve aderir às transformações da sociedade e da prática de ensinar, contribuindo para que o aluno venha aprender com excelência. Assim sendo, Perrenoud (1999, p. 78) define que: “[...] é formativa toda prática de avaliação contínua que pretenda contribuir para melhorar as aprendizagens em curso, qualquer que seja o quadro e qualquer que seja a extensão concreta da diferenciação do ensino”. Dessa forma, o ensino convencional não possibilita uma contribuição concreta para o processo de ensino-aprendizagem, na sociedade atual, pois se refere apenas à reprodução, por parte do aluno, do que foi passado pelo professor, tendo em vista que, só decorar matéria não é suficiente e nem relevante para ser posto em prática na sociedade.

O que ocorre nesse modelo de avaliação é extremamente primordial, pois a aprendizagem acontece dentro da sala de aula. Dessa forma, a avaliação ela deve ser formativa, ou seja, ser realizada durante todo o período letivo, de forma reguladora ou controladora, objetivando verificar se os alunos atingiram os objetivos previstos, quais os resultados foram alcançados e que habilidades foram adquiridas pelos alunos. A avaliação formativa busca um *feedback*, contribuindo para um melhor desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

De acordo com Irandé Antunes (2003, p. 158): “O professor avalia o aluno para também, de certa forma, avaliar seu trabalho e projetar os jeitos de continuar.” Dessa maneira, a relação de interdependência entre o ensinar e o avaliar deve existir, ou seja, são dois verbos que devem caminhar juntos para então haver um progresso recíproco, além disso, almejando também um bom desempenho conforme requer a avaliação formativa.

É possível que os educadores foquem em um modelo inovador de avaliação, pois acredita-se que práticas alternativas estão presentes no cenário escolar atual, assumindo uma função formadora, contribuindo positivamente para regulação do ensino-aprendizagem. Tendo em vista todas as afirmações mencionadas, Cipriano Luckesi (2011) sugere:

Em primeiro lugar, propomos que a avaliação do aproveitamento escolar seja praticada como uma atribuição de qualidade aos resultados da aprendizagem dos educandos, tendo por base seus aspectos essenciais e, como objetivo final, uma tomada de decisão que direcione o aprendizado e, conseqüentemente, o desenvolvimento do educando. (LUCKESI, 2011, p. 54)

Convenhamos então que, o professor deve assegurar essa prática, pois com isso terá o retorno ao qual deseja diante dos seus alunos. Com base nessa reflexão que se caracteriza como formativa, o educador pode promover um diálogo capaz de aperfeiçoar o sistema escolar com uma percepção que possa ampliar o ensino numa estratégia moderna, fugindo do tradicionalismo. É preciso também que, para garantir resultados, dedicação e planejamento são fundamentais. Irandé Antunes (2003) propõe uma estratégia para quando o educador for avaliar, permitindo usar metodologia renovada com finalidade de proporcionar aos educandos altos níveis de competências.

Convém ainda que o professor converta cada momento de avaliação num tempo de reflexão, de pesquisa, ou seja, de ensino e aprendizagem, de reorientação do saber anteriormente adquirido. Sem o ranço das atitudes puramente “corretivas”, de “caça aos erros”, como se o professor só tivesse olhos para enxergar “o que não está certo”. (ANTUNES, 2003, p. 159)

Tendo em vista o pensamento da autora, o que devemos observar em uma avaliação, de caráter formativo, é a forma de como cada professor procura avaliar seu aluno, buscando ver não apenas “erros”, mas diversificar a maneira de correção dos testes e provas, levando em consideração o pensamento crítico dos educandos, além disso, entender que, quando o professor for utilizar tal prática, ele deve contemplar as diferenças de aprendizado individuais existentes em cada aluno.

De acordo com Luckesi (2011), a avaliação formativa pode acarretar diversos pontos positivos, que diante das concepções do autor surgem como uma forma de poder avaliar com mais interação e subjetividade. Dentre esses pontos, destacam os seguintes:

Coletar, analisar e sintetizar, da forma mais objetiva possível, as manifestações das condutas – cognitivas, afetivas, psicomotoras – dos educandos, produzindo uma configuração do efetivamente aprendido; atribuir uma qualidade a essa configuração da aprendizagem, a partir de um padrão preestabelecido e admitido como válido pela comunidade dos educadores e especialistas dos conteúdos que estejam sendo trabalhados; a partir dessa qualificação, tomar uma decisão sobre as condutas docentes e discentes a serem seguidas. [...] Assim, o objetivo primeiro da aferição do aproveitamento escolar não será a aprovação ou reprovação do educando, mas o direcionamento da aprendizagem e seu conseqüente desenvolvimento. (LUCKESI, 2011, p. 55)

Com relação ao posicionamento do autor, percebemos que o modelo de avaliação formativa é o mais adequado, pois aponta as características fundamentais para o ensino-aprendizagem e atribui critérios inovadores que fazem a prática do ensinar e aprender se tornar mais prazerosa. Dessa forma, o professor precisa ter uma autonomia docente, a qual possa instituir esse tipo de avaliação como sendo a principal modalidade no processo de ensino-aprendizagem.

Sem dúvida o processo de mudança para avaliar tem sido um desafio, pois o professor deverá rever a sua prática, procurando aprimorar seus métodos para

contribuir de forma positiva no desenvolvimento da aprendizagem do estudante, analisando seu aluno com eficácia. Com relação a isso Luckesi (2011) destaca que:

O investimento necessário do sistema de ensino é para que o educando aprenda e a avaliação está a serviço dessa tarefa. Os exames, por serem classificatórios, não têm essa perspectiva; a sua função é de sustentar a aprovação ou reprovação do educando; função diversa de subsidiar um investimento significativo no sucesso da aprendizagem, própria da avaliação. (LUCKESI, 2011, p. 29)

Tendo em vista a afirmação, podemos refletir acerca de a avaliação ser vista por muitos como uma prática meramente classificatória, em que as instituições de ensino vão fazer em relação ao professor e o professor em relação aos alunos. Dessa forma, é um pensamento errôneo, pois esse tipo de avaliação nem busca e nem permitem uma mudança favorável no processo de ensino-aprendizagem, fazendo com que permaneçam seguindo funções avaliativas sem nenhum desempenho.

Portanto, a avaliação formativa é aquela que acontece todos os dias na sala de aula, contribuindo para a reflexão e o estudo, impulsionando o desenvolvimento tanto dos professores quanto dos alunos, ou seja, o ato de avaliar deve promover um diálogo consciente entre as partes envolvidas, orientando as ações do professor ao ensinar e as do aluno ao aprender. Mesmo diante das dificuldades que se tem em efetuar essa prática, devemos acreditar sempre na capacidade interacional de cada um, pois não cabe cobrar mudanças apenas do professor, mas sim, do sistema educacional atual, que visam avaliar somente para atribuir uma nota.

### **2.3 Algumas considerações sobre a avaliação no ensino de Língua portuguesa**

O ensino de língua materna, de acordo com Travaglia (2003), tem o objetivo de desenvolver a competência de comunicação entre todos os seus usuários. A escola deve estimular seus frequentadores a desenvolverem a capacidade de realizar análises linguísticas, produzir, compreender, transformar e classificar vários tipos de textos (orais ou escritos). Nesse sentido, a escola busca desenvolver habilidades comunicativas, por meio da participação efetiva dos alunos em todas as atividades

realizadas em sala de aula. Para tanto, torna-se necessário o professor motivar os alunos, de forma a fazer com que todos participem das aulas. Cagliari (2003) diz que:

A situação de algumas escolas tem piorado recentemente por causa da ação de alguns professores e pedagogos que passaram de um extremo a outro. Antigamente exigiam com todo rigor; se o aluno não soubesse tudo que a cartilha apresentava, não saía da primeira série. Depois, com as novas ideias pedagógicas, passaram a entender que a ortografia não era mais tão importante assim, ou melhor, que o aluno podia escrever do jeito que quisesse desde que escrevesse. A ortografia seria aprendida depois, como parte do desenvolvimento escolar. (CAGLIARI, 2003, p. 351)

Nesse tipo de prática, na maioria das vezes, os alunos acabam sendo os mais afetados, concluindo a vida escolar, cometendo falhas constantes em escritas simples. Sendo assim, é importante que o professor inclua o estudo da língua padrão, de forma a fazer com que esse estudo seja significativo para os alunos, contribuindo para uma aprendizagem efetiva.

O real compromisso que a escola deveria buscar, durante o processo de avaliação, é procurar ver os futuros benefícios para os educandos com formas de motivações, durante o processo avaliativo. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua portuguesa (1998, p. 93), a avaliação “Deve ser compreendida como um conjunto de ações organizadas com a finalidade de obter informações sobre o que o aluno aprendeu, de que forma e em quais condições.”. Dessa forma, os professores devem elaborar um conjunto de procedimentos avaliativos, possibilitando a realização de ajustes para uma melhor intervenção pedagógica, a fim de alcançar o objetivo desejado que é o desempenho intelectual dos alunos.

O processo avaliativo deve ter o objetivo de descobrir as dificuldades dos estudantes, oferecendo ao professor possibilidades para trabalhar com as dificuldades dos alunos para que eles tenham um desenvolvimento intelectual satisfatório. Em outras palavras, é durante o processo avaliativo que o professor adquire as informações que são primordiais para que ela pense em novos meios para contribuir de forma significativa na aprendizagem dos estudantes. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua portuguesa (1998):

A avaliação precisa acontecer num contexto em que seja possibilitada ao aluno a reflexão tanto sobre os conhecimentos construídos - o que sabe -, quanto sobre os processos pelos quais isso ocorreu - como

conseguiu aprender. Ao identificar o que sabe, o aluno tem a possibilidade de delimitar o que precisa, ainda, aprender. Ao reconhecer como conseguiu aprender, o aluno tem a possibilidade de descobrir que podem existir outros modos de aprender, conhecer e de fazer. A apropriação de novos conceitos e procedimentos permite que o aluno possa realizar as atividades propostas com maior eficiência e autonomia. Nesse sentido, a avaliação precisa ser compreendida como reflexiva e autonomizadora. (BRASIL, 1998, p. 93)

Dessa forma, para que aluno adquira o conhecimento ao qual o professor almeja, precisa-se avaliar não só os conteúdos programáticos, mas também a capacidade de desenvolvimento que lhe são atribuídos, tanto pelo contexto escolar ao qual é submetido, como no seu ambiente de convívio, cujo mesmo é inserido.

Ainda dentro dessa abordagem atribuída aos educadores, surge a questão da capacidade que eles têm com relação ao ensinar, e também possíveis críticas construtivas ou não, surgidas dentro do seu espaço educacional, mas em muitos casos serão contornadas de forma satisfatória. De acordo com as concepções de Tardif (2002), é importante ressaltar que:

Os saberes profissionais dos professores parecem ser, portanto, plurais, compósitos, heterogêneos, pois trazem à tona, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e manifestações do saber - fazer e do saber – ser bastante diversificados e provenientes de fontes variadas, as quais podemos supor também que sejam de natureza diferente. (TARDIF, 2002, p. 61)

O professor deve sempre estar refletindo sobre sua prática e procurando meio de aprimorar a metodologia utilizada em sala de aula para melhor atender aos alunos. O papel do educador não é apenas decodificar o código do ensinar a escrever, mas criar situações que estimulem o desejo de desvendar esse mistério que é a escrita. Com a relação a isso, Sena (1999) alerta que:

Uma metodologia do ensino de língua não pode ser vista como uma questão puramente mecânica que busque tão apenas estabelecer recursos visando a uma melhor apreensão dos tópicos gramaticais, geralmente propostos como conteúdo programático das aulas de Língua Portuguesa. (SENA, 1999, p. 81)

Nesse sentido, o ensino da disciplina abordada é extremamente primordial porque usar a norma padrão da língua requer um alto nível de conhecimento, pois,

para o aluno ter um bom desempenho, diante das atividades realizadas, é preciso compreender as principais funções da língua, que é um dos mais importantes meios de comunicação. Dessa forma, é necessário que a instituição escolar acompanhe de forma constante e regular esse processo que é tão importante verificar. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da Língua portuguesa advertem que:

A escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística. Desse modo, não pode tratar as variedades linguísticas que mais se afastam dos padrões estabelecidos pela gramática tradicional e das formas diferentes daquelas que se fixaram na escrita como se fossem desvios ou incorreções. (BRASIL, 1998, p. 82)

Então, mesmo que os educadores fiquem atentos para essa questão, é preciso acontecer o respeito de ambas as partes. Quando um professor vai corrigir as atividades, realizadas pelos alunos, deve investigar o nível de conhecimento e não focar somente nos “erros”. Sobre isso, Antunes (2003, p. 161) afirma que: “Esta prática da “caça aos erros”, [...], fez com que o professor de português, ao longo do tempo, se especializasse apenas em procurar o “errado” e sem muita reflexão discernir sobre os erros.” Desse modo, o professor deve procurar outra forma de ver os benefícios que o aprendizado sistematizado dessa língua pode trazer para os alunos, ampliando as expectativas dos estudantes diante do aprendizado da Língua Portuguesa.

### III ANÁLISE DOS DADOS

#### **3.1 Contexto da análise discursiva: Aspectos estruturais, técnico-pedagógicos, planejamento e avaliação**

O projeto “Avaliação formativa e a diferenciação do ensino: a construção do conhecimento profissional docente no município de Catolé do Rocha” foi realizado no Centro de Ensino Infantil e Fundamental Luzia Maia. Os encontros com os professores aconteceram com regularidade, duas vezes por mês, nas terças-feiras das 17 às 20 horas. Durante esses encontros, coletamos os relatos dos posicionamentos dos professores, que demonstraram seus anseios em relação a prática de ensino e avaliação. É importante ressaltar que essa coleta se deu pelos relatos orais dos professores, através das reflexões coletivas e nos questionamentos realizados por eles.

O Centro de Ensino Luzia Maia atua nos seguintes turnos: manhã, tarde e noite. Nos horários da manhã e tarde funcionam turmas de Educação Infantil e fundamental, já a noite acolhe alunos do EJA (Educação de Jovens e Adultos), a instituição possui estrutura física bastante ampla para a sua demanda de estudantes, são recepcionados alunos de diversos bairros da cidade como também da zona rural, além dos municípios vizinhos.

A referida escola é composta por 30 salas de aula climatizadas, sendo que cada sala possui 30 carteiras, quadros de lousa, armários e prateleiras de aço são disponibilizadas nas salas de Educação Infantil. Além das salas, possui uma quadra esportiva coberta na qual se realiza todos os eventos. Em suas dependências dispõe de 02 (dois) banheiros adaptados para as crianças, 03 (três) para professores e funcionários, na diretoria possui 01 (uma) mesa, 03 (três) cadeiras, 04 (quatro) armários e 01 (uma) secretaria onde contém 02 (duas) impressoras e 02 (dois) computadores com acesso a internet de banda larga, na sala de computação existem

10 computadores conectados à internet, todos utilizados para pesquisa e estudos das várias disciplinas.

Recursos de áudio visuais como, TV, DVD, Micro System, filmadora, data show com tela de projeção estão presentes na sala dos professores. A biblioteca funciona pela manhã e à tarde, possui em média 800 exemplares, incluindo paradidáticos, enciclopédias, revistas e periódicos atualizados nas diversas áreas do conhecimento disponibilizadas para alunos, professores e toda a comunidade escolar. A escola oferece apoio psicológico tanto aos alunos como para os funcionários.

Ainda com relação à estrutura física, podemos contar com uma cozinha ampla e espaçosa, com mesa, balcão, 04 (quatro) pias e 01 (uma) lavanderia e 02 (dois) depósitos. A instituição conta com 02 (duas) pequenas praças onde os alunos conversam e se distraem na hora dos intervalos, 01 (um) reservatório com água filtrada, sendo da rede pública. Quanto às condições de acessibilidade, a escola disponibiliza de vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida.

A sala dos professores é bem equipada, com 02 (duas) mesas grandes, 02 (dois) armários com vãos reservados a quase todos os educadores. Os armários servem para guardar seus materiais. Na mesma sala, existe uma estante em alvenaria que é usada para guardar livros de estudo e planejamento.

A escola conta com 98 servidores, sendo que, apenas 07 (sete) não são concursados. Eles estão divididos nas seguintes áreas; 23 professoras lecionam no ensino fundamental I e 34 no fundamental II, além disso, 05 (cinco) supervisoras, 01 (uma) psicopedagogas, 01 (uma) psicóloga e 01 (uma) diretora geral completam o quadro de funcionários, a carga horária de trabalho são de 30 a 40 horas semanais, conforme Plano de Cargos, Carreiras e Salários do município de Catolé do Rocha - PB. Quanto ao nível de escolaridade 8,4% dos profissionais tem apenas nível médio normal, 24,2% são graduados e 67,4% têm pós-graduação; atuando efetivamente em suas devidas funções e contando, em média, com 10 anos de experiência no magistério e no serviço público.

O Cento de Ensino Infantil e Fundamental Luzia Maia está inserido como uma das principais instituições do município de Catolé do Rocha - PB, a realização dos projetos e planejamentos escolares são executados pela coordenação pedagógica e colaboração de todos os envolvidos. Cujas finalidades, é proporcionar o encontro de todos os alunos em um único ambiente escolar, promovendo conhecimento, cultura e entretenimento.

Quanto ao planejamento da escola, conforme informações contidas no Projeto Político Pedagógico – PPP, verificamos que compreende a um período destinado à análise dos índices de desempenho dos educandos, observando os resultados obtidos no IDEB, no relatório final do ano letivo anterior, assim como no decorrer das atividades desenvolvidas durante todo o ano em curso. Quando feitos no ensino fundamental, consistem em articular suas ações tendo como base os aspectos que se desdobram em torno do conhecimento permeado por relações sociais, vivências e saberes historicamente acumulados, de forma a contribuir no processo de construção de identidades do educando.

É importante ressaltar que, atendendo as regulamentações das Novas Diretrizes Nacionais do Ensino Fundamental de nove anos, em especial nos 1º, 2º e 3º anos, que correspondem ao ciclo pedagógico; a escola conta com atendimentos específicos, em horários de planejamento escolar ou na sede da Secretaria Municipal de Educação (SEMED). A participação do corpo docente em reuniões pedagógicas e de estudo é bastante significativa, com um percentual de 98% de frequência. Observamos que existe um grande interesse em cursos de formação continuada para o aperfeiçoamento profissional.

É importante ressaltar que a formação continuada tem o objetivo de ampliar o conhecimento dos professores, possibilitando momentos de reflexão, discussão, troca de experiências, integração e socialização da práxis pedagógica, preparando-os para dominar os instrumentos necessários para o desempenho competente de suas funções de forma que possa capacita-los. Desse modo, a formação estará preparando um educador para buscar, aceitar e valorizar as formas de aprender e interagir de seus alunos.

Durante os encontros promovidos pelo projeto “Avaliação formativa e a diferenciação do ensino: a construção do conhecimento profissional docente no município de Catolé do Rocha” alguns professores se posicionaram a respeito do mesmo e até compararam com os que já são existentes na escola, como a formação continuada, por exemplo. Diante dessa afirmação, o diálogo deles foi o seguinte:

Não existe muita diferença entre os encontros promovidos na formação continuada de professores que já temos na escola e o projeto sobre avaliação. Nunca tem muita novidade. Mesmo assim é importante uma leitura externa sobre as práticas avaliativas, e também a participação dos estudantes que serão os futuros professores e precisam conhecer a

realidade das escolas e o sentimento dos professores. Saber o que se sente e as dificuldades que enfrentamos.

Tendo em vista o posicionamento crítico do professor, mesmo assim acredita-se que seja irrecusável não querer aprimorar a prática docente para complementar suas funções, além da oportunidade de poder debater as prioridades do ensino. Desse modo, é importante promover a aprendizagem dos professores acerca da avaliação contínua, de forma a fazer com que eles compreendam esse processo como uma ferramenta para direcionar o ensino, para tanto, a mesma deve estar centrada no desenvolvimento intelectual dos estudantes. De acordo com as concepções de Tardif (2002):

No tocante à profissão docente, a relação cognitiva com o trabalho é acompanhada de uma relação social: os professores não usam o “Saber em si”, mas sim saberes produzidos por esse ou por aquele grupo, oriundos dessa ou daquela instituição, incorporados ao trabalho por meio desse ou daquele mecanismo social (formação, currículos, instrumentos de trabalho, etc.). Por isso, ao se falar dos saberes dos professores, é necessário levar em consideração o que eles nos dizem a respeito de suas relações sociais com esses grupos, instâncias, organizações, etc. (TARDIF, 2002, p. 19)

O que o autor propõe, refere-se a uma prática de análise recorrente, a qual se baseia na origem social dos educadores. Para tanto, é necessário que os professores busquem se aperfeiçoarem mais, adquirindo a competência e a capacidade para rever suas concepções, de forma a instituir uma avaliação em função da aprendizagem. Sendo assim, a avaliação não é um evento isolado, pois os resultados alcançados devem servir de suporte para futuras decisões.

Com relação à avaliação educacional da referida escola, verificamos que contribui para o crescimento individual e social do aluno, por isso não pode ter como foco apenas o conhecimento, mas considerar o processo, o desempenho do aluno e do professor. Além disso, não deve ser utilizada apenas para constatar, mas para intervir a fim de ensejar mudanças. O Projeto Político Pedagógico da escola destaca duas questões são importantes na condução do processo de avaliação da aprendizagem: como encontrar as estratégias de intervenção para que o aluno aprenda, compreendendo que as técnicas avaliativas são instrumentos que possibilitam ao

educando e ao educador obterem as informações necessárias sobre o processo de ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva, a avaliação deve envolver os elementos do processo constitutivo da organização escolar, dentre eles, o Projeto Político Pedagógico (PPP). O mesmo, por ser um processo inacabado, exige uma avaliação contínua, possibilitando o acompanhamento da execução para prováveis (re)elaborações que devem contemplar o que é relevante e possível, ou seja, deve ser revisto sistematicamente para a verificação de práticas bem sucedidas constatação em relação aos objetivos definidos, ações e metas, identificando as possibilidades de seu avanço.

Além de todos esses elementos, mencionados anteriormente, que aprimoram o sistema educacional, existem também questões que priorizam a relação do professor com a profissão. Tardif (2002, p. 126) garante que os objetivos do ensino escolar são gerais e não operatórios, pois, de acordo com as concepções do referido autor, os objetivos do ensino escolar:

[...] exigem dos professores uma adaptação constante às circunstâncias particulares das situações de trabalho, especialmente em sala de aula com os alunos, como também durante a preparação das aulas e das avaliações. No caso dos programas escolares, mesmo os objetivos terminais- expressos com frequência em termos de competências a serem adquiridas- comportam inúmeras imprecisões, e muitos deles são não operacionalizáveis. (TARDIF, 2002, p. 126)

Portanto, entende-se que mesmo com todos os objetivos sugeridos a um profissional da educação, muitos deles não seguem as metodologias as quais lhes são repassadas. Diante disso, cobranças irão surgir por parte não só dos superiores, como também da sociedade a qual visa uma necessidade de capacitação dos professores, pois acreditam que a função dos educadores é ensinar e levar o conhecimento adiante.

### **3.2 Avaliação formativa: Os instrumentos avaliativos e os desafios enfrentados pelos professores do ensino fundamental II**

É sabido que os instrumentos de avaliação da aprendizagem necessitam serem usados ao longo de um ano letivo e o professor deve procurar sempre utilizar instrumentos avaliativos diversificados para observar de forma atender todos os alunos, ou seja, permitindo ao educador encontrar informações a respeito da capacidade de

conhecimento que os educandos adquiriram conforme os conteúdos passados.

Um problema constante no cotidiano dos professores da educação básica; são os desafios que enfrentam e fazem com que reflitam sobre sua prática. Desse modo, estão sempre se questionando: Como avaliar? Qual a melhor forma de fazer o aluno aprender? Qual o melhor instrumento para avaliar? Será que a prova é o instrumento que comprova a educação tradicional? Na busca por respostas destas indagações, sabemos que existem inúmeras maneiras de avaliar o aluno, mas sempre permanecerá a dúvida de confirmar, se o aprendizado foi satisfatório. É importante ressaltar que o processo de avaliação diz respeito também a verificar se a metodologia utilizada pelo professor está adequada, pois deve haver uma relação interdependente entre ensino e avaliação. De acordo com as palavras de Irandé Antunes (2003):

No processo de ensino-aprendizagem escolar, o ensino e a avaliação se interdependem. Não teria sentido avaliar o que não foi objeto de ensino, como não teria sentido também avaliar sem que os resultados dessa avaliação se refletissem nas próximas atuações de ensino. (ANTUNES, 2003, p. 155)

Muitos educadores fazem questão de avaliar seus alunos por diversas formas, porém sem nenhuma característica formativa, pois é evidente que seguem uma visão tradicional, que não prioriza o aprendizado, mas intenciona uma espécie de finalidade seletiva. Durante a realização do projeto, ao indagarmos os professores acerca dos significados das funções da avaliação, eles apresentaram o seguinte relato:

Os alunos pedem a nota pelo comportamento, exemplo: se o aluno for bem-comportado e tirar uma nota 7,5, por exemplo, pode ser arredondada para 8,0 dependendo das anotações que tem no diário...

Avalio o comportamento, prova, trabalhos e mais uma série de coisas...

Eu avalio a responsabilidade dos alunos no procedimento das atividades, se faz tudo de maneira organizada e pontual e existe até aqueles alunos que ajudam os demais, são excelentes. Avalio tudo!

Avaliar é uma forma de quantificar com notas e números.

Avaliar é uma forma de verificação da aprendizagem. Não tenho muitos desafios e problemas para avaliar. É o método que o professor tem para mensurar o aluno. Falamos em avaliação formativa, mas na verdade colocamos nota e aí?

Temos que fazer uma autoavaliação, pois a avaliação é um processo

complexo e não sabemos se somos justos e éticos na avaliação.

Nunca sei se o instrumento que utilizo para avaliar é o correto. A avaliação traz sempre dúvidas sobre a aprendizagem dos alunos. Eles sempre ficam em recuperação. Só colocamos a nota e pronto!

Eu me sinto muito bem quando avalio. Os alunos se dão bem e sei que eles aprenderam.

A partir do relato dos professores nós podemos observar que eles não têm uma compreensão acerca da função reguladora da avaliação, ou seja, eles não enxergam a avaliação como uma ferramenta para direcionar o ensino, centrada na aprendizagem do aluno. Foi possível constatar que existem dúvidas quanto ao desenvolvimento da avaliação diagnóstica, formativa e somativa.

“Avaliar o aluno como um todo” é uma das representações mais fortes entre os professores quando tratam da prática: expressam isto em várias respostas do questionário, tanto em relação ao que estão realizando, quanto ao que é idealizado. Na pergunta sobre como avalia os alunos, se agruparmos os vários aspectos que dizem respeito à avaliação sócio - afetiva (avaliar como um todo, participação, interesse, disciplina) chegamos a 110%, o que revela o quanto este tipo de prática é valorizada pelos professores. (VASCONCELLOS, 1998, p. 42)

Diante dessa problemática, convém a cada professor, estabelecer os instrumentos que irão empregar para poder avaliar de forma eficaz e justa o aluno. Vale salientar que existem outros meios de fazer a tão temida avaliação. As provas, por exemplo, seguem os seguintes modelos: oral, com consulta, objetiva e dissertativa, cada uma com suas características. O portfólio, participação em sala de aula, seminário, auto avaliação, trabalho em grupo, debate, registro/fichas e observação também fazem parte dessa categoria de avaliação. Portanto, o educador deve ter domínio no que diz respeito a essa questão. Para Moretto (2005), é necessário que:

O conhecimento dos diferentes instrumentos para avaliação e da melhor forma de utilizá-los é um dos recursos de que o professor competente deve dispor. Este conhecimento está ligado à convicção de que a avaliação não deve servir de instrumento de pressão para manter a disciplina em aula ou de fazer o aluno estudar. (MORETTO, 2005, p. 31)

Dessa forma, não pode permanecer esse pensamento, cuja intenção é de apenas medir o conhecimento do outro, mas procurar ver a capacidade de raciocínio

que qualquer um tenha adquirido durante as fases de avaliação. Sem dúvida a prova escrita é a mais usada desde sempre, conforme as palavras de Moretto (2005), já foram lançados sobre essa prática várias ofensas, como por exemplo: monstro, entulho da educação, atraso pedagógico, algoz dos estudantes etc. No entanto, o professor, no seu convívio com a avaliação, continua a seguir esse modelo de avaliação para diagnosticar o aprendizado da sua turma. Sobre essa lógica, o referido autor, constata:

O que os professores podem avaliar pelas provas é a performance do aluno, obtendo assim um indicador de sua competência. No entanto, uma performance aquém do esperado não significa, necessariamente, falta de competência. Por esse motivo, um professor competente não avalia seus alunos por uma prova. Da mesma forma não parece admissível um professor reprovar um aluno por alguns décimos nas notas. Cabe, sim, ao professor competente, utilizar diversos instrumentos de avaliação da aprendizagem para poder julgar sobre a possível competência do aluno numa situação específica. (MORETTO, 2005, p. 28)

Nesse sentido, se o aluno não alcançou a nota adequada na prova, ou até mesmo não obteve o êxito esperado pelo professor, seria possível para ele fazer uso de outro instrumento, já que o utilizado não foi satisfatório. E assim, educador e educando estariam promovendo suas competências, gerando mais conhecimento dos conteúdos, identificando habilidades tanto no ensinar como também em relação ao aprender. Com relação a esse fato, um professor faz o seguinte relato:

São muitos momentos de avaliação e muitas coisas para corrigir, muitas provas de recuperação, não conseguimos avaliar com profundidade. A maior dificuldade da avaliação está interligada na reavaliação dos testes. São muitas atividades para corrigir e o tempo é pouco.

Ao fazer a análise dessa fala, podemos perceber que existe uma certa falta de estímulo, por parte dos professores, diante das dificuldades encontradas durante um processo de avaliação, pois os professores sempre vão se achar de fato muito atarefados, esgotados com inúmeras atividades relacionadas aos desafios da sua profissão.

Na trajetória educacional dos docentes é essencial o uso de instrumentos avaliativos diferenciados, pois o papel dos professores não é apenas o de medir conhecimento do aluno, mas verificar se a metodologia está adequada, pois a função da avaliação é garantir o sucesso do aluno e do professor, buscando um melhor

resultado de uma determinada prática, ou seja, sinaliza se os resultados obtidos são satisfatórios ou não são satisfatórios. No entanto, muitas vezes o papel do professor é visto como aquele que tem a função de medir o conhecimento do aluno, quantificando por meio de uma nota.

Dessa forma, a avaliação deve ser vista como um método para produzir um indicativo do que poderia ser feito para melhorar o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, deve se olhar tanto do lado do estudante como do lado do professor, fazendo uma curva de aproveitamento da aprendizagem dos estudante, tanto de forma individual, quanto em grupo, para verificar os efeitos das aulas em relação aos alunos. Em outras palavras, verificar não só o fracasso dos alunos, mas o fracasso do professor e do sistema como um todo, verificando o que poderia melhorar, quais as mudanças que poderiam ser feitas, com objetivo de atingir todos os alunos de forma positiva. Vasconcellos (1998) afirma que:

Os instrumentos não são neutros, embora tenham uma autonomia relativa. É claro que o “como” avaliar, a quantidade do instrumento também é importante, pois a própria postura do professor pode ficar comprometida na sua transformação se ele ficar preso a instrumentos/formas de avaliar tradicionais. Ocorre que este “como” com certeza está ligado à concepção de educação que o professor/escola tem. Se não mudarem as finalidades, de nada adiantará sofisticar o instrumento. É evidente, por outro lado, que uma vez que o sujeito está mudando, precisará de um bom instrumento que lhe ajude a perceber como está indo no seu intento. (VASCONCELLOS, 1998, p. 64)

Desse modo, certamente os instrumentos avaliativos estão presentes em todo ambiente escolar, e que para conseguir fazer verificar o nível de aprendizagem dos estudantes é necessário utilizar os mais diversos instrumentos, detectando de forma mais eficiente o aprendizado e a superação de cada aluno. Com isso, a avaliação vai contribuir para que o professor saiba qual caminho deve seguir em busca de desenvolver a aprendizagem dos estudantes.

Cipriano Luckesi (2011) destaca diferentes situações de avaliação, uma que talvez condicione o educando ao “erro”, e outra que usa a avaliação como alternativa para instigar o aluno a ter seu posicionamento crítico, fazendo com que o aluno reflita sobre a aprendizagem, a evolução dele a cada dia.

Para distinguir essas duas condutas - examinar ou avaliar na escola -, basta lembrar sucintamente que o ato de examinar se caracteriza, especialmente (ainda que tenha outras características) pela classificação e seletividade do educando, enquanto que o ato de avaliar se caracteriza pelo seu diagnóstico e pela inclusão. O educando não vem para a escola para ser submetido a um processo seletivo, mas sim para aprender e, para tanto, necessita do investimento da escola e de seus educadores, tendo em vista efetivamente aprender. Por si, não interessa ao sistema escolar que o educando seja reprovado, interessa que ele aprenda e, por ter aprendido, seja aprovado. (LUCKESI, 2011, p. 29)

Essas duas questões mencionadas a cima são bem distintas, pois uma promove um modelo de avaliação tradicional, em que o professor procura selecionar os alunos através de notas, enquanto que na outra o professor realiza uma avaliação mais reflexiva, em que ele avalia não só o conhecimento adquirido pelos alunos, mas também a sua prática, buscando os melhores caminhos para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, percebemos a existência de vários modelos de vários modelos avaliativos, mas para promover uma aprendizagem favorável é necessário que os professores revejam sua prática, deixando o tradicionalismo fora da sala.

Portanto, uma das principais características da avaliação formativa é a reorientação com a finalidade de interdependência existente entre ensino-aprendizagem. O que se leva em consideração diante dos instrumentos avaliativos são as questões da escolha para usá-los adequadamente, pois a avaliação não deve ser usada com finalidade classificatória, ou seja, como um momento de atribuição de notas, mas como uma oportunidade de fazer com que o aluno reflita acerca do seu desenvolvimento, sinalizando se os resultados foram satisfatórios ou não.

Para a implantação da avaliação formativa em uma instituição escolar, nas disciplinas de Língua portuguesa, é preciso buscar estratégias para ensinar de forma que desenvolva a evolução do aluno e satisfação do professor. Moretto (2005) enaltece esse modelo de avaliação, declarando que:

A perspectiva construtiva sóciointeracionista propõe uma nova relação entre o professor, o aluno e o conhecimento. Ela parte do princípio que o aluno não é um simples acumulador de informações, ou seja, um mero receptor-repetidor. Ele é o construtor do próprio conhecimento. Essa construção se dar com a mediação do professor, numa ação do aluno que estabelece a relação entre suas concepções prévias e o

objeto de conhecimento proposto pela escola. Assim, fica claro que a construção do conhecimento é um processo interior do sujeito da aprendizagem, estimulado por condições exteriores criadas pelo professor. (MORETTO, 2005, p.95)

Apesar de o termo avaliação ser bastante amplo, o que prevalece na afirmação é a confirmação de um modelo avaliativo que prioriza um compromisso dos educadores para com os alunos ou vice-versa, em que também se coloca a disposição do conhecimento, tendo em vista que, a função da avaliação é garantir o sucesso em qualquer lugar.

De acordo com a teoria de Jussara Hoffmann (2009), podemos perceber que ela acredita numa relação promissora, ao se tratar do convívio amistoso entre o educador e o educando. E essa convivência pode ser um acréscimo para uma construção de confiança, motivando o interesse principalmente do aluno, em revelar o que ele pensa, discutir suas ideias e também poder elucidar suas dúvidas. Em relação a essa temática, a autora faz a seguinte declaração:

Quando o professor estabelece uma relação de confiança com o estudante e troca com ele mensagens pertinentes e significativas sobre seus processos, os primeiros passos estão dados na direção de uma postura reflexiva de ambos. Em sua essência, um educador reflexivo é mediador de uma educação reflexiva, à medida que compartilha com o aluno sentimentos e descobertas, enfrenta com ele dúvidas e obstáculos, sugere e acata sugestões de novas direções. Não apenas a direção aos alunos. Mais do que isto, acompanha-os em seus percursos, vivendo a magia do inesperado. (HOFFMANN, 2009, p. 111)

A sugestão que é proposta na referida afirmação, condiz com a prática da avaliação formativa, pois faz referência ao mencionar questões favoráveis ao referido modelo avaliativo, destacando que elas são de extrema importância para proporcionar uma ideia inovadora ao tratar desse processo avaliativo, fazendo com que aconteça o desenvolvimento do educador e seu modo de ensinar tenha uma evolução positiva, favorecendo o aprendizado da turma.

É de fundamental importância lembrar que para o educador se sentir realizado quanto a sua prática formativa é necessário enfrentar muitos desafios, como por exemplo, mudar a maneira de avaliar seu aluno em uma referida instituição, onde é imposto um sistema totalmente tradicional e que não possibilita nenhuma alteração em

investir em novas propostas inovadoras.

De acordo com Irandé Antunes (2003, p. 160), “[...] o professor deve valorizar, deve estimular cada tentativa, cada conquista do aluno, favorecendo [...] a formação de uma autoestima elevada, responsável, [...] pela disposição de tentar falar e escrever, mesmo sob o risco da incompletude e da imperfeição”. Essa atitude do professor contribui para que o aluno não tenha medo de errar, embora nem todos os profissionais da educação sigam essa prática, mas presume-se que há indícios para uma fase de mudança, pois muitos educadores acreditam nessa ideia, mesmo que seja vista por outros como uma atitude ousada, é preciso contemplar as novidades.

Os educandos precisam estar conscientes de que, a avaliação formativa sempre prioriza o aprendizado dos mesmos, agindo com interesse a princípio da transformação, durante o processo avaliativo. Moretto (2003), de acordo com suas convicções, declara que:

A finalidade tanto do ensino como da avaliação da aprendizagem é criar condições para o desenvolvimento de competências do aluno. Assim, ele deve estar preparado para ler textos de revistas, de jornais e de manuais, e interpretá-los coerentemente, mesmo não tendo nenhum contato com os autores dos mesmos. Por essa razão, quanto mais completa for a formulação das questões, tanto melhor será a formação do aluno para sua vida profissional. (MORETTO, 2005, p. 99)

Portanto, o intuito da avaliação formativa é colocar o educando a refletir sobre os objetivos de cada conteúdo estudado, e não ser visto como apenas exigência de respostas corretas. Dessa forma, recomenda-se que assim a interatividade acontecerá com mais estímulos. Na visão de Jussara Hoffmann (2009), a avaliação formativa é entendida como uma prática que busca despertar a curiosidade e o aprendizado do aluno. A autora afirma ter a resposta para mudança:

Para muito além dessa visão classificatória da avaliação inicial, a finalidade da avaliação, no sentido da mobilização, representa, essencialmente, adequar novas propostas e situações-problemas suscitados (a novidade) às necessidades e possibilidades dos alunos, de forma que tenham condições de se engajar na busca de novos conhecimentos porque lhe são significativos, ou seja, estão, de certa forma relacionados ao que já conhecem e/ou representam desafios possíveis de serem enfrentados em termos de suas estruturas cognitivas (continuidade). (HOFFMANN, 2009, p. 84)

Sabemos que a questão do tradicionalismo da avaliação persiste no ambiente escolar. Acredita-se na crença de que uma instituição de ensino com essas finalidades é responsável por uma escola competente, detentora do saber e, diante disso, obterá um sistema classificatório, assegurando um ensino qualitativo de acordo com esse modelo avaliativo. Moretto (2005) determina características que são recorrentes nas salas de aula durante o processo avaliativo, ele adverte para o seguinte:

Nessa visão de ensino, o aprender tem sido visto como gravar informações transcritas para um caderno (cultura cadernal) para desenvolvê-las da forma mais fiel possível ao professor na hora da prova. Expressões como: *“o que será que o professor quer com essa questão?”*, *“professor, a questão sete não estava no caderno de ninguém, o senhor tem que anular”*, *“professora, dá para explicar o que a senhora quer com a questão 3?”*, *“professor, eu decorei todo o questionário que o senhor deu e na prova o senhor perguntou tudo diferente”* são indicadores de que a preocupação dos alunos e satisfazer os professores, é tentar responder *tudo o que o professor quer* para, com isso, obter nota. (MORETTO, 2005, p. 94)

Dessa forma, alunos com essa mentalidade de aprendizagem, realmente só fazem reproduzir o feito do professor que não questiona, ou seja, não promove um desempenho crítico. Pensando nisso, verificamos que os critérios para a avaliação são diversos, mas os PCNs (1998) investem no modelo que tem características formativas. Eles atribuem o ensino-aprendizagem do aluno à capacidade de estratégias e competências do professor. Dessa forma, declaram que:

Os objetivos do ensino balizam a avaliação: são eles que permitem a elaboração de critérios para avaliar a aprendizagem dos conteúdos. Neste documento, foram definidos apenas os critérios de avaliação para os dois primeiros ciclos. Têm como referência os objetivos especificados para os respectivos ciclos e representam as aprendizagens imprescindíveis ao final desse período, possíveis à imensa maioria dos alunos submetidos a um ensino como o proposto. Não são, portanto, coincidentes com todas as expectativas de aprendizagem — essas estão expressas nos objetivos, cuja função é orientar o ensino. Os critérios de avaliação não podem, de forma alguma, ser tomados como objetivos, pois isso significaria um injustificável rebaixamento da oferta de ensino e, conseqüentemente, a não garantia de conquista das aprendizagens consideradas essenciais. (BRASIL, 1997, p. 63)

O posicionamento presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais revela que os objetivos da avaliação não podem permanecer com finalidades apenas de submeter ao aluno um ensino tradicional, estabelecendo um controle, cuja intenção é verificar as aprendizagens apenas com uma nota. Verificamos que a avaliação deve representar o desenvolvimento da capacidade intelectual do estudante, e ela deve estar presente todos os dias na sala de aula, contribuindo para a ação do professor no processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, no processo de avaliação formativa, presente no ensino de Língua portuguesa, o professor deve aprimorar a sua prática de forma a desenvolver a aprendizagem dos educandos, como também estimular a capacidade que eles têm no tocante as dificuldades surgidas, garantindo aos alunos a oportunidade de enfrentar os desafios da leitura, escrita e oralidade. Para tanto, é de fundamental importância o foco e o incentivo para que a relação do ensinar e aprender aconteça de maneira concreta. Além disso, o fato de podermos alcançar resultados positivos acarretará no crescimento profissional docente, proporcionando um crescimento sem dúvida, progressivo e transformador.

#### IV CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi exposto, constata-se que, para a avaliação formativa ocorrer é importante que os professores estejam motivados. Mas só a motivação não basta, há outros fatores em jogo, como foi detalhado anteriormente. Desse modo, para que essa avaliação aconteça de forma significativa, as aulas devem ser diversificadas, com recursos adequados e instrumentos que tenham significado, levando em consideração os conhecimentos prévios dos alunos, despertando o interesse deles.

Tendo em vista, os tipos de modelo avaliativos relatados ao longo da pesquisa, podemos perceber que esses métodos são usados em momentos distintos, no decorrer do ano letivo. Durante o processo de avaliação, o que se leva em consideração é a função exercida por cada um, pois na perspectiva de diagnosticar o conhecimento prévio do aluno acontece antes do ensino. Outra forma de o professor executar sua prática durante todo o período escolar é a metodologia formativa, por meio de uma relação de interdependência entre ensino e avaliação. Já o processo somativo, ocorre no final do ensino-aprendizagem, visando apenas medir os conhecimentos adquiridos dos educandos. Dessa forma, fica evidente a diferença existente entre os níveis em se fazer uma avaliação, e que a avaliação não deve ser vista como a última etapa do processo, mas como uma ferramenta que ajuda no desenvolvimento do aluno.

A partir da análise dos relatos dos professores e da comparação as concepções de alguns teóricos, que se posicionam a respeito dos critérios para avaliar com eficácia, verificamos o quanto é desafiador realizar uma avaliação e a importância que ela tem para o desenvolvimento intelectual dos estudantes e da metodologia do professor. Verificamos que apesar dos diálogos não apresentar características semelhantes com as ideias defendidas pelos teóricos da área, devemos ter consciência do esforço que cada educador faz para conduzir uma sala de aula, muitos deles procuram avaliar seus alunos seguindo a maneira tradicional, pois acreditam que a avaliação formativa não terá nenhuma diferença diante das demais.

Nesse sentido, o desenvolvimento do projeto, no Centro de Ensino Infantil e Fundamental Luzia Maia, contribuiu de forma a plantar uma sementinha nos professores em relação a busca por inovação para melhor avaliar os seus alunos, fazendo com que os profissionais que participaram dos encontros pudessem repensar as suas práticas, refletindo sobre a importância da avaliação formativa no ambiente

estudado. Assim, podemos afirmar que o projeto proporcionou momentos de discussões significativas sobre a teoria e a prática da avaliação das aprendizagens, promovendo uma troca de experiências, que vai servir de base para inovar ao longo da trajetória docente.

A partir das investigações sobre a importância da avaliação formativa, realizada nesta pesquisa, podemos constatar o verdadeiro valor da sua função para o ensino-aprendizagem, que é estimular os educandos, fazendo eles se sentirem satisfeitos, demonstrando interesse em aprender. Com a análise dos resultados e das discussões acerca da teoria, verificamos que existe uma deficiência no processo que se refere à avaliação, supõe-se que os professores ouvidos não praticam o método formativo, mas sim convivem com conceitos e métodos avaliativos referentes a outras práticas ditas tradicionais para sondar o desenvolvimento do educando.

Portanto, esta pesquisa contribui para o pensamento inovador do professor diante do processo de ensino-aprendizagem, porque ao mesmo tempo em que vai fazer uma avaliação formativa, irá rever sua prática quanto a suas competências, e poderá usar estratégias de ensino, garantindo um desempenho promissor. Desse modo, o educador deve aprender todos os dias, ser um pesquisador, procurar sempre inovar a sua metodologia, ou seja, contribuindo para uma mediação escolar significativa.

## V REFERÊNCIAS

ABRECHT, Roland: **A avaliação formativa**. 1.ed. Tradutor: José Carlos Tunas Eufrásio. Rio Tinto/Potugal: Edições ASA,1994.

ANTUNES, Irandé: **Aula de português: Encontro e interação**. 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGLIARI. Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo. SCIPIONE, 2003.

DE LANDSHEERE, Gilbert. **Évaluation continue et examens: précis de docimologie**. Bruxelles – Paris: Labor/Nathan.

FERNANDES, Domingos: **Avaliar para aprender: fundamentos, práticas e políticas**. São Paulo: Unesp, 2009.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. 11. ed. – Porto Alegre: Mediação, 2009.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições**. 17. ed. -São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 20. ed. – São Paulo: 2009.

\_\_\_\_\_. **Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico**. São Paulo: Cortez, 2011.

MORETTO, Pedro Vasco. **Prova: um momento privilegiado de estudo e não um acerto de contas**, Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

Projeto Político Pedagógico - Centro de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Luzia Maia, 2018.

PERRENOUD, Philippe; **Avaliação- da excelência á regulação das aprendizagens, entre lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SENA, Odenildo. O estranho poder das palavras. In: **Palavra, poder e ensino de língua**. Manaus: Editora da Universidade de Manaus, 1999, p. 5-7.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. – Petrópolis, Rj: Vozes, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação: concepção dialética – libertadora do processo de avaliação escolar.** 15. ed. São Paulo: Libertad, 2005.

\_\_\_\_\_. **Avaliação da aprendizagem: Práticas de mudança - por uma práxis transformadora.** 5. ed. – São Paulo: Libertad, 2003.